

China tem o segundo maior número de bilionários do mundo e enfrenta geração cansada do excesso de trabalho

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Enquanto o mundo todo tropicava por conta da pandemia de covid-19, a economia chinesa seguia a todo o vapor depois de controlar o vírus no começo de 2020. Entre 2010 e 2021, o PIB da China quase triplicou e, com isso, o país alcançou números absurdos em todos os parâmetros: detém o maior parque industrial do planeta, domina as exportações do mundo e é a maior parceira comercial de boa parte dos países do terceiro mundo. Publicidade – Desigualdade bate recorde no Brasil, aponta novo estudo da FGV Entretanto, um dos dados da economia liderada por Pequim parece incongruente com o socialismo: é no país que se concentra o segundo maior número de bilionários do planeta. São 626. Só os EUA, com 724, superam os chineses. Nos cem anos do PCCh, China encontra dilema inevitável entre desenvolvimento capitalista do país e necessidade de atender demandas do socialismo Para conseguir fazer o seu desenvolvimento industrial e sair da condição de país agrário, as reformas propostas por Deng Xiaoping em 1976 foram marcadas pela contradição com um modelo socialista per se, similar ao soviético ou ao cubano. A permissividade à propriedade privada e a redução dos direitos trabalhistas fizeram com que o país dominasse as fases produtivas de ponta à ponta: hoje a China possui uma produção agropecuária gigantesca, o maior parque industrial do mundo e uma indústria de tecnologia e pesquisa que avança a todo vapor. Para financiar esse desenvolvimento nunca antes visto na história moderna, os custos foram altos. O principal deles, certamente, foi criar uma massa de trabalhadores com baixos salários nas maiores cidades do país, como Xangai, Pequim, Wuhan e Chengdu. Longas jornadas de trabalho e condições de trabalho precárias geraram muita riqueza ao país, afinal, como diz a cartilha marxista, é a mais-valia que gera acumulação de capital. Gerou debate no Weibo: China diz que homens se tornaram ‘femininos’ e bola plano de ‘virilidade’ masculina Publicidade O crescente número de bilionários chineses é uma contradição com o modelo socialista. Mas não é incomum que se veja nas manchetes da mídia ocidental que o país prepara uma perseguição ou já persegue alguns de seus super-ricos. Um exemplo é o de Jack Ma, o dono do Alipay e do Alibaba, um dos homens mais ricos do mundo, que ficou famoso ao dizer que a “jornada de trabalho ideal” seria de 12 horas durante seis dias da semana (e é a utilizada em sua empresa). Ma é visto como perseguido por parte da imprensa ocidental; dono de uma fortuna de mais de 59,5 bilhões de dólares, ele defende uma jornada de trabalho de 72 horas semanais Publicidade Desde 2019, o país adota uma legislação mais rígida em cima dos mais ricos. O amplo controle do sistema bancário dificulta a evasão de divisas ou a sonegação de impostos. Ma entrou em rota de conflito com o governo chinês após criticar a nova legislação tributária do país, que reduzia os impostos da classe média e taxava os super-ricos. Além disso, a oposição do Partido e dos principais jornais do país contra o sistema de trabalho 996 (das nove da manhã às nove da noite, seis dias por semana), adotado por Ma, fez com que o bilionário passasse alguns meses longe dos holofotes. – China surpreende com florestas capazes de absorver mais poluentes que o esperado Publicidade Esse controle faz com que a China tenha uma relação um pouco mais igualitária com os super-ricos do que os EUA, por exemplo. Como o financiamento privado de campanha é o principal modus operandi da política estadunidense, os super-ricos tem um tratamento diferente pelo sistema tributário e político do país. Um exemplo: com patrimônio de US\$ 151 bilhões, Elon Musk não pagou imposto de renda no ano de 2018. Quando comparamos o coeficiente Gini, que mede a desigualdade dos países, e observamos China e EUA, observamos que a desigualdade no país comunista é bem menor do que a capitalista: no país de Xi Jinping, o coeficiente é de 0,38 e, no país de Biden, o índice aponta para um nível de desigualdade de 0,41. Quanto maior o índice, maior a desigualdade. O modelo chinês precisa encontrar um equilíbrio para a sua desigualdade, prevista no plano de ‘Dupla Circulação’, que pretende expandir o mercado interno do

país com aumento de direitos trabalhistas e do poder de consumo de sua população, reduzindo a dependência das exportações. Trabalhadores da área de tecnologia da China já ameaçaram greves por modelos abusivos de trabalho que violam a legislação do país. Com a recente celebração dos 100 anos do Partido Comunista, a China se vê em um momento chave de sua história: estabelecida como uma das maiores economias do mundo, resta compreender se o seu caminho será a redução das contradições entre sua desigualdade e o socialismo ou o abandono da foice e do martelo e o abraço aos desejos da sua crescente elite de bilionários.



